

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1902

N.º 71

SUAVE MILAGRE



os espectáculos a que tem assistido a Lisboa litteraria e elegante destaca-se pela atmosphera perfumada que d'elle emanava, pela fina *dist* dos nomes que para o brilho d'elle contribuíram, pela inequalvel recordação de um morto glorioso e querido, e pela poesia da lenda christá que a arte por varias maneiras realçava, aquelle cuja acção encantadora e singella pela primeira vez se desenrolou no palco de D. Maria, na noite de 28 d'este mez.

A *première* do *Suave Milagre* não podia deixar de constituir um acontecimento. É para tornal-o bem frisante, bem solido, nunca se agrupára tamanho numero de elementos recolhidos. Dava-se as mãos o que ha de mais mundano com o que ha de mais intellectual, o espirito mais subtil com o gosto artistico mais *raffiné*, a galanteria da corte, no que ella tem de primoroso, com os encantos da arte n'uma das suas feições mais bellas e suggestivas.

Invocava-se o Christo. Representava-se, sob o delicado nome de *Suave Milagre*, uma lenda, um *mysterio*, uma parábola, em que apparecia n'uma das suas mais radiantes e ternas expressões a loira figura do Rabbi. A mão artistica de Eça de Queiroz já houvera traçado a primor o quadro poetico repassado de toda a piedade christá, cheio de uncção, de amor, e de sonho. O creador por excellencia de tantas figuras burguezas, o caustico observador de uma sociedade em decadencia, desdobrava-se no mais requintado poeta mystico, no idealista adoravel que colheira em flagrante o christianismo n'um dos seus aspectos, porventura o mais enternecedor, o mais emocionante.

Passar para as taboas de um palco essa joia tão finamente lapidada e tornal-a a todos accessivel e nitida, não era missão facil de realisar, e d'ahi o



Conde de Arnoso

Autor do *mysterio Suave Milagre*

empenho de nós todos em assistirmos á primeira representação do *Suave Milagre*.

A tarefa não podia estar em melhores mãos, tambem é certo, e por isso não podia deixar de ser segura a confiança no exito.

O conde de Arnoso, tão fidalgo pelo sangue como pelo talento, vinha collaburar n'essa obra, e o seu nome era uma garantia firme. E porque não ha de dizer-se? Era sobretudo ao nome de Bernardo Pindella, já tão laureado nas letras portuguezas, que se prendia o principal interesse d'essa audição. E era com effeito curioso de ver como poderia malleabilizar-se, subtilisar-se um espirito ao ponto de n'elle se fundirem elementos apparentemente oppostos e heterogeneos. Como é que a lingua parabolica, que a uncção biblica, que a mais delicada poesia do christianismo, poderiam sem escolhos nem entraves encontrar echo e guarda n'este homem ainda moço, familiarizado com todas as seducções da corte, affeito a to-

das as galanterias, vivendo desde verdes annos a vida palaciana, sempre beijado pela fortuna, invejado por muitos, querido por todos! Frisantissimo era portanto o contraste, entre esta figura de victorioso, de feliz, e a figura humilde, singella, d'esse poeta da Galilleia, que prega por toda a parte a humildade, o desprendimento da terra, o desprezo da fortuna e da gloria!

Esta antithese frisante não encontrava talvez a sua formula, mas em todos os espiritos era latente, e o conde de Arnoso que devia tel-a adivinhado, decerto considerou maior por isso mesmo o triumpho obtido. E' que a arte attinge um alto grau de victoria quando de tudo pode abstrahir para em si mesma se concentrar e brilhar só por si mesma.

Na forma porque o conde de Arnoso adaptou á scena o pequenino conto de Eça de Queiroz, na prosa sempre tão egual, tão pura, na candidez que de todas as parabolias, de todos os conceitos emana, no desdobramento das situações, no toque das figuras, na singellessa da linguagem, no estado de alma absorvente, o artista surge, o espirito brilha, e o mundano, o arbitro da alta vida, o *enfant gâté* dos paços reais, dá lugar á arte para que passa e que triumphas.

Via-se por tudo isso que radiava o contentamento na phisionomia aberta do secretario d'El-rei, e que essa primeira noite do *Suave Milagre* marca talvez a victoria suprema na sua excepcional vida de victorioso.

O outro collaborador litterario do pequenino conto de Eça era Alberto de Oliveira, poeta e diplomata. São simplesmente adoraveis os versos com que elle enriqueceu o *Mysterio*, que tem o que quer que seja de um delicado *freco* pintado nas paredes de uma capella artistica. N'essa parte poetica por Alberto d'Oliveira a sua mais fina sensibilidade, e na escolha das imagens, na simplicidade das parabolias, no rythmo do verso, e na propriedade da linguagem biblica, bem mostrou que só um alto e culto espirito tem esta facilidade rara de se affieçar tão admiravelmente ao assumpto que escolhe, de se embeber n'elle tão profundamente, que por sobre todo esse bello trabalho poetico dir-se-hia que passa um sopro de inspiração christá, um resmago de creença e de fé, como os que illuminavam as almas extaticas dos que primeiro adoraram Jesus ou morreram pela sua obra divina.

Resumindo, em todo este metucioso trabalho de theatro a litteratura não pode exigir mais. Na altura dos conceitos e nos primores da forma, correspondem-se por completo o verso e a prosa. Aquelle titulo que se lê á frente de um livro de Bernardo Pindella, *De braco dado*, podia transferir-se para aqui, que nunca um prosador e um poeta conseguiram tornar os seus pensamentos mais homogeneos e mais correctos, a maneira de os exprimir. São duas individualidades distinctas que se identificaram no mesmo sentimento e se nivelaram na mesma inspiração. Se se transformassem em prosa os versos de Alberto de Oliveira, e á prosa de Bernardo Pindella se desse a forma metrica, o effeito da dicção seria tão suggestivo e empolgante como o que experimentámos todos ouvindo a musica d'esses actos suaves.

Quodres de mais, talvez? Acção demorada e lenta com relação ao assumpto capital? Não osamos contestal-o, confessamos n'ó decerto os proprios autores, mas tambem se não pode omitir que sendo tão exiguo o espaço occupado pelo conto de Queiroz, só exuberancias de phantasia e opulencia de inventiva conseguiriam alastrar por seis quadros, ouvidos todos com agrado, o rapido objectivo do conto inicial, que está todo, por assim dizer, no ultimo acto da peça.

Esse delicadissimo conto conhecem-n'ó bem os leitores do *Brasil-Portugal*, que o viram já publicado no n.º 48 d'esta Revista. Os que o viram depois transportado para o theatro tiveram sem duvida a impressão de que assistiam a uma revivencia. E para completal-o e realçar a obra dos collaboradores de Eça lá estava o pincel de Manini, o prodigioso scenographo que tem o condão de fazer



Eça de Queiroz

Autor do conto, *Suave Milagre*

reviver ante a nossa retina todo o passado com a sua architectura, com a sua arte, com a sua paizagem, com a sua luz.

E lá vão elles, os servos de Oreb e a escolta de Publio Septimo, lá vão trilhando caminhos pedregosos, passando rios, correndo pelos valles, trepando ás montanhas, interrogando as pobres mulheres que encontram, lá vão ellas todos, em busca d'esse loiro Rabbi que, acompanhado apenas de seus humildes pescadores, anda percorrendo as estradas da Galiléia, attrahindo as multidões, dizendo coisas novas e simples, pregando o amor entre os homens, apontando para o céu, que é o reino de seu pae, chamando a si os pequeninos e os humildes, sarando os doentes, fortalecendo os fracos, dando vida aos mortos.

E' forçoso que o encontrem os servos d'esse orgulhoso Oreb que foi opulento e que nada possui, que teve rebanhos e os rebanhos morreram, que teve vinhas e as vinhas seccaram, que teve searas e as searas se mirraram todas. Tudo o que elle perdeu só lh'o pode restituir o Rabbi da Galiléia, porque assim lh'o disseram em doces falas as pobres mulheres que contaram na sua presença a vida d'esse propheta, d'esse visionario. E tanta sinceridade ellas punham na sua voz, e tão illimitada confiança tinham em Jesus de Nazareth, que Oreb, o orgulhoso Oreb, começara tambem a nutrir a esperança de que esse famoso Rabbi fosse encontrado pelos caminhos e entrasse em sua casa, voltaria elle a ser rico, ressuscitariam os seus rebanhos, reverdeceriam as suas vinhas e as suas searas.

Por outros trilhos e por outras estradas, lá vão tambem os soldados d'esse sanguinario guerreiro romano Publio Septimo, que quer a todo o custo salvar a filha querida e quasi moribunda. Não lhe valem as suas riquezas e de nada lhe servem a ella as sedas, os tapetes, as pedrarias raras e os perfumes subtils. Só pode salvá-la o Rabbi da Galiléia! Mas ao longo das estradas todos falam n'elle, e elle não apparece nem ás escoltas de Publio, nem aos servos de Oreb.

N'um cerro, longe da povoação, dentro de um misero casebre, vive uma desgraçada mulher que vê mirar-se ao lado d'ella, sem ter que lhe dar de comer, sem encontrar uma consolação á sua miséria, o seu filhinho. E' noite. Nem uma estrella brilha no firmamento, nem uma esperança reluz no apertado coração d'essas duas creaturas. Eis que de subito entra na miseravel mansarda um ve-

lho mendigo. Reparte pela mãe e pelo filho o negro pão que traz consigo e fala-lhes de Jesus. Diz-lhes os seus milagres, o seu amor pelas creancinhas.

"Mãe, quero velo, interrompe o pequenito; quero ver esse Rabbi que sara todas as feridas, cura todas as dores e que ama as creanças. Quero ver o Rabbi."

E ao fundo abre-se a porta e surge em plena graça, em todo o resplendor da sua divindade, Jesus, o doce Jesus da Galiléia, que, fitando a creança, diz apenas estas palavras: "Aqui estou."

Nada mais bello, mais simples, mais suggestivo, mais poetico. A arte de Manini, a sua grande sciencia das perspectivas, o seu vasto conhecimento de tudo o que respeita á archeologia, por tal forma se evidenciam no *Suave Milagre*, que sem

essa preciosissima colaboração a delicada obra dramatica seria falha e deficiente. O aqueducto romano, o pateo da casa do Rabbi, o valle, ao romper da manhã, e muitos outros quadros ainda, bastariam para fazer a gloria e crear a fama de um scenographo, onde quer que apparecessem.

Na parte musical collaborou Oscar da Silva, e não podiam os auctores da peça encontrar compositor de musica que melhor se compenetrasse do idealismo sentimental que de todos os actos resalta. E' curta, mas brilhante, a sua cooperação.

Que dizer dos artistas dramaticos aos quaes foram confiados os papeis do *Suave Milagre*? Que para o exito alcançado contribuiu em grande escala o desempenho de Virginia, que com uma notavel comprehensão fez o papel da pobre mãe, de Ferreira da Silva, que arrancou justas e calorosas palmas no pastor de gados quando, sobretudo, diz admiravelmente, com uma candura e uma singeleza encantadoras a parábola do rico; de Augusto de Mello, que no velho Oreb deu extranho relevo ao papel; de Carlos Santos, cuja appareição na figura de Rabbi emocionou pela esplendida machinação, e de outros ainda: Cecilia Machado, Luz Veloso, Maia, Augusta Cordeiro, Posser.

Rematar este artigo sem um louvor á sociedade artistica de D. Maria seria injustiça em que não queremos incorrer.

JAYME VICTOR



Oscar da Silva

Autor da musica do *Suave Milagre*



SUAVE MILAGRE — Scenario do primeiro acto



SUAVE MILAGRE — Quarto acto

O Conto de Eça de Queiroz

N'esse tempo Jesus ainda não sahira de Galiléa, das margens do lago de Genesareth: mas a nova dos milagres chegara já a Sicheim, cidade rica, entre vinhedos, no paiz de Samaria. Uma tarde um homem passara com os cabelos ao vento, dizendo que um novo Rabbi, um novo propheta, andava pelas verdes colinas que vão de Magdala a Capharnaum, annunciando o advento do

alegres de vinha, negrejava agora, só a esterilidade das urzes. Obed, com a cabeça escondida no manto, lamentava-se á beira dos caminhos.

Depois ouvindo em Sicheim fallar do Rabbi da Galiléa, que alimentava as multidões, e emendava to-

das as desgraças humanas, Obed, homem em lição, pensou consigo que o Rabbi seria um d'esses felicitel-ros que maravilhavam a Judéa, como Appollonius, o da voz de bronze, e o subtil Simão de Samaria. Esses, mesmo nas noites escuras, conversavam com as estrelas; e sabiam palavras que aligantam de sobre as searas os moscardos negros, gerados nos lodos do Egypto. Jesus, mais poderoso que Appollonius, mais subtil que Simão, sustaria a mortandade dos seus gados, e faria reverdescer as suas vinhas... Obed chamou os servos, e ordenou-lhes que fossem buscar o Rabbi ás cidades de Galiléa.

Os servos apertaram os cintos de couro, — e largaram correndo para o norte, pela estrada das



L. Montat

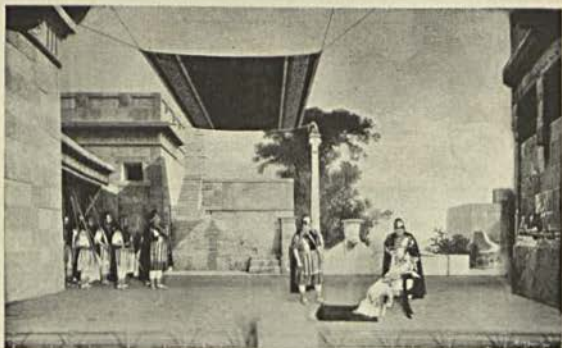
O scenographo do Suave Milagre



SUAVE MILAGRE — Segundo acto

reino de Deus, e curando todos os males humanos. Enquanto descansava junto ao poço de Jacob, o homem contou mais que o Rabbi, n'um campo ao pé de Capharnaum, sará o servo d'um centurião romano, de longe, e só com murmurar suavemente uma palavra; e n'outra tarde, tendo atravessado n'uma barca de Galiléa para a terra dos Gerasenios, onde se fazia a colheita de balsamos, resuscitára a filha de Jaira, homem consideravel, que lia na Synagoga. E como a gente em redor lhe perguntava se era esse o Messias, e que doçura havia nas suas palavras, o homem ergueu-se, apanhou o calado, e sem sequer beber do poço onde hebra Jacob, desapareceu; com os cabelos ao vento, por entre as rochas, no caminho que leva a Bathanias. Mas uma esperança, deliciosa com o orvalho do Hermon, ficara refrescando as almas; e logo a terra pareceu menos dura, e todo o fardo menos pesado...

Ora, em Sicheim, vivia um velho chamado Obed, senhor de rebanhos, senhor de vinhas, d'uma familia pontifical, que, desde os antigos cultos d'Israel, sacrificava no alto do monte Ebal. Mas um vento abrazador, esse vento de desolação que vem, á voz irada do Senhor, do fundo das terras d'Assur, matára as melhores rezes dos seus largos rebanhos; e, nas encostas, onde lhe tinham crescido mil pés



SUAVE MILAGRE — Terceiro acto

caravanas que conduzia a Damasco. Uma tarde avisaram, sobre o poente vermelho, as neves do monte Hermon. Depois o lago de Genesareth resplandecia diante d'elles, espelhado, azul-celeste, e calmo na frescura da manhã: um bando lento de cegonhas brancas cortava o céu claro, voando para os lados de Safed; a cidade nova de Gamala tinha um doce brilho de marmore, entre as verduras; e a arua, transparente e sem murmúrio, banhava os pés das bervas altas e dos alcôndres em flor. Um pescador que ali desamarrava preguiçosamente a sua barca, disse-lhes que o Rabbi deixara a Galiléa, e partiria com os discipulos para os lados de Galad, para onde desce o Jordão.

Os servos seguiram, correndo, sem repouso, até ao sitio onde o Jordão, mais baixo, tem um larço romano, e dorme um instante, imóvel e verde, á sombra dos tamarindos. Da entrada d'uma cabana, feita de rama, um Essenio, coberto de pelles de cabra, soturno e selvagem, gritou-lhes que Jesus, sózinho, se afastara para além. Mas onde era além? O Essenio, com um gesto brusco, indicou vagamente as montanhas da Judéa, Engaddi, e as fronteiras roxas do reino d'Asketeth onde se ergue, sinistra, sobre o seu rochedo, a cidadella de Makaur. Mas debalde os servos, arquejantes, procuraram até ao paiz de Moab. Jesus não estava ali.



SUAVE MILAGRE — Quinto acto

Um dia, já na volta, um Escriba, que recolhia a Jerichó, passou por elles, montado na sua mula. Os servos d'Obed rodearam-n'o, perguntando-lhe se encontrara um propheta de Galiléa que fazia milagres.

O homem da Lei bradou-lhes que nem havia prophetas, nem havia milagres fóra de Jerusalem, e que só Jehovah era forte no seu Templo; e perseguindo-os ainda, ás pedradas em nome do Senhor d'Israel. Os servos fugiram para Sicheim. E grande foi a desconsolação d'Obed porque os seus rebanhos morriam, as suas vinhas seccavam — e a esse tempo crescia em Samaria, consolador e cheio de promessas divinas, o nome de Jesus da Galiléa.

Ora um Centurião romano, Publius Septimus, commandava então o forte que domina o valle por onde se vai a Cesarea e ao mar. Publius era homem prospero, e gozava favores de Flaccus Legado, Imperial na Syria. Mas, de repente, sua filha única, e infinitamente amada, definhava com um mal estranho, incompreensível mesmo aos esculapios e aos magicos que elle mandára consultar a Sidon e a Tyro. Branca e triste como a lua, sem se queixar e sem fallar a seu pae, deixava-se finar, sentada na esplanada do forte, sob um velario, olhando melancolicamente os longos azulejos do mar de Tyro, por onde ella via de Italia, n'uma galera com soldados.

Por vezes ao seu lado um legionário, d'entre as ameias apontava lentamente ao alto a flecha, e varava uma grande agulha, voando d'azul serena no azul. A filha de Septimus seguia um momento a ave, torcendo até bater morta sobre as rochas; depois, mais triste e mais pallida, continuava a olhar o mar.

Então Septimus, tendo ouvido d'estes felizes do Rabbi, tão potente sobre os Espíritos, que curava todos os males, desappareceu decurias de soldados a procurar-o em todas as cidades da Decapole, na Perea, e ao longo da costa até Ascalon. Os soldados metteram os escudos dentro dos saccos de lona; e partiram, fazendo resoar as sandalias ferradas sobre as lages das tres estradas romanas que se encruzam em Samaria. De noite as suas armas brilhavam no alto das colinas, entre a vermelhidão dos arbores. De dia penetravam nos cascos, rebuzavam a espessura dos pomares; e as mulheres inquietas traziam-lhes figos e malgas cheias de vinho de Safed, que elles bebiam, ás mãos ambas e d'um trago, sentados no chão, á sombra dos sycomoros. Ao passarem nos postos romanos, e dizendo o nome de Septimus, outros legionarios, ou homens das cohortes syrias, juntavam-se-lhes, levando no capacete um ramo de oliveira. Mas pouco a pouco estas inúteis marchas, á busca d'um Rabbi judeu, irritavam-nos: agora faziam parar as cadranças, brulhavam a gente nos burgos, clamando o nome de Jesus. Ao avistarem os pastores de Idumea, que dão as rezas brancas para o Templo, refugiavam-se á pressa nos montes; e da beira dos eirados das villas, os velhos sacudiam sobre elles as mãos cheias de maus presagios, invocando a coiera de Elias.

Nas vizinhanças de Hebron arrastaram para fóra das grutas os Solitarios, para lhes arrancar o nome do deserto ou do patamar onde se escondia Jesus de Galiléa: é a ignorancia de dois mercadores, que vinham de Joppé com uma carregação de malchoatro, e que não tinham já mais ouvido o nome do Rabbi de Galiléa, foi-lhes contada como um delicto e pagaram vinte drachmas ao decurião. Assim proseguiram até Ascalon, não encontraram Jesus; e retrocederam ao longo da costa enterrando as sandalias nas areias ardentes. Uma madrugada, junto a Cesarea, avistaram sobre um freixo outro, um bosque de loureiros onde ajeitava recolhidamente o frontão lizo d'um templo. Um velho, de barbas brancas, vestido de linho alvo, esperava ali, grave e religiosamente, a aparição do sol. Os soldados de baixo, perguntaram-lhe, agitando os ramos d'oliveira, se elle sabia d'um propheta de Galiléa que fazia milagres. O velho, sereno e sorrindo, disse-lhe que não havia prophetas, nem havia milagres, e só Appolo Delphico conhecia o segredo das cousas. Então devagar, com a cabeça baixa, como n'uma tarde de derrota, os soldados recolheram ao forte de Samaria. E grande foi o desespero de Septimus, porque sua filha morria, sem se queixar e sem fallar a seu pae, — e a fama de Jesus da Galiléa ia subindo alumiando toda a Samaria, como a aurora quando se levanta por tras do monte Hermon.

Ora junto a Sicheim, n'um casebre, vivia então uma viúva, desgraçada entre todas, que tinha o filho doente com as febres. O chão miseravel não estava caído, nem n'elle havia enxerga. Na lampada de barro vermelho seccára o azeite. O grão faltava na arca: o ruido dormente do moino domestico cessára, e esta era em Israel, a evidencia cruel da infinita miséria.

A pobre mãe sentada a um canto chorava, — e, estendida sobre os joelhos, em-

brulhada em farrapos, pallida e tremendo toda, a creança pedia-lhe, n'uma voz debil como um suspiro, que lhe fosse chamar esse Rabbi da Galiléa de quem ouvira falar junto ao poço de Jacob, que amava as creanças, nutria as multidões, e curava todos os males humanos, com a caricia das suas mãos. E a mãe dizia, chorando:

— Como queres tu, filho, que eu te deixe, e vá procurar o Rabbi a Galiléa? Obed é rico e tem servos, eu vi-o passar, e debalde buscaram Jesus por areias e cidades, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimus é forte e tem soldados, eu vi-o passar e perguntaram por Jesus sem o achar desde o Hebron até ao mar... Como queres tu que eu te deixe? Jesus está tão longe, a nossa dor está commosco. E sem duvida o Rabbi, que lê nas Synagogas novas, não escuta as queixas d'uma mãe de Samaria, que só sabe ir orar, como outr'ora, no alto do monte Gerasim.

A creança, com os olhos cerrados, pallida e como morta, murmurou o nome de Jesus. E a mãe dizia, chorando:

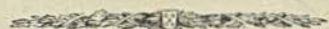
— De que me serviria, filho, partir e ir procurar o? Longas são as estradas da Syria, curta é a piedade dos homens. Vendo-me tão pobre e tão só, os cães viriam ladrar-me á porta das casas. De certo Jesus morreu; e com elle morreu, uma vez mais, toda a esperança dos tristes.

Pallida, e desfalecendo, a creança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus de Galiléa.

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança:

— Aqui estou.



O crysantemo premiado

Na ultima exposição de Floricultura que se fez na Avenida da Liberdade, entre grande numero de exemplares de crysantemos que se apresentaram, das mais variadas cores, figurava este, exposto pelo jardineiro municipal o sr. José Augusto da Silva. Foi o que obteve o primeiro premio, e bem justo, pois continha nada menos de 197 flores.



O Crysantemo premiado

Dr. Carlos Tavares



DR. CARLOS TAVARES
Lente da Eschola Medica de Lisboa

nos illuminam e arrebatam, fazendo nos olvidar todas as agruras e misérias terrenas.

Carlos Joaquim Tavares pertence ao numerozo grupo dos homens illustres com que as colonias tem apresentado o velho Portugal. Nascido em Egitto (Benguella) a 25 de dezembro de 1857, conquistou cedo um logar proeminente como mestre, como clinico e como artista sublime da palavra.

Tenho bem presentes ainda as primeiras vezes em que me foi dado ouvir e apreciar o verbo inspirado de Carlos Tavares, e desde então no meu espirito de estudante começou a radicar-se este sentimento de profunda admiração e de respeito pelo juvenil talento d'aquelle que em poucos dias conquistou a bem merecida reputação de primeiro academico de Lisboa.

A primeira vez que vi Carlos Tavares foi na reunião de estudantes que se effectuou na Eschola Polytechnica, em 1880, para discutir a attitudde que a classe escolar devia assumir na celebração do centenário de Camões. Alli, durante aquella memoravel sessão, onde o investiram na presidencia da assembléa de que faziam parte tantos rapazes cujos nomes são hoje celebres no nosso meio scientifico e litterario, revelou-se o brilhantismo d'aquelle cerebro e a eloquencia, a que deveu a sua celebridade.

Desde aquella dia se gerou no meu espirito o culto pelo novo astro que surgia radiante; porque, como quanto adverso a feticismos pessoas que desadoro, sempre professei a mais espontanea e incondicional sympathia e o mais reverente respeito pelas manifestações sublimes da intelligencia humana, ás quaes a minha menos que mediocre pessoa se julgou sempre honrada de prestar homenagem e tributar os merecidos encomios. Nem eu conheço deveras, na natureza que nos cerca, sempre perenne de galas e maravilhas, phenomeno mais surpreendente, cousa que mais nos denuncie o vago sublime incognoscivel, do que o extraordinario funcionamento de um cerebro superiormente organizado, nas suas lucubraciones artisticas, do que o verbo inspirado do grande artista na transmissao lucidissima do seu pensamento. Nada ha que possa mais fortemente attrahir a nossa admiração e os nossos enlevos intellectivos e estheticos, nem ha cousa que mais se approxime em grandezza do rutilante astro de onde dimanam a luz, o calor e a vida da humanidade.

Assim como nas velhas cathedraes gothicas o edificio estava disposto por forma que os crentes nas suas preces se voltavam para o sol nascente, assim o homem culto das modernas gerações traz o espirito orientado pela religiosa observação d'esses intellectos privilegiados, porquanto, assim como o sol é o astro da vida em todas as suas funções terrenas, assim aquellas intellectualidades são os astros que illuminam e guiam a humanidade nas idealidades sublimes da sciencia e da arte.

Carlos Tavares, que já nas escholas ganhara fama de distincto, grangeou n'aquelle hora, com a sua palavra inspirada no grande idolo da Patria que se chamou Camões,

ascendente e renome entre toda a mocidade das escholas. Já o apontavam como o primeiro da classe, quando o triumpho extranho do discurso proferido no sarau dos estudantes, na noite de 9 de junho de 1880, tomando por thema — *A medicina dos Lusitãos* — lhe conquistou foros de orador emerito, lançando o seu nome para fora do ambito puramente academico, para se tornar a gloria do dia, perpetuada pela imprensa, pelo retrato, pela caricatura (2).

Foi o facto culminante, sensacional, no meio d'aquelle entusiasmo que levantou todo o paiz, a impressão d'esse discurso, das ovações que o applaudiram, do delirio com que o aclamaram; conseguiu sobrelevar a tudo no meio dos ruidos e festas d'aquelle grande apothose e firmar mais um nome glorioso nos annaes da vida contemporanea portugueza.

O Mestre da medicina, Sousa Martins, conferiu-lhe a sua estima, animou-o com a sua valiosa protecção e exemplo; foi este, como elle proprio confessa, o astro que o illuminou e dirigiu em toda a sua carreira. A suas theses, do curso em 1883, sobre o *Nervo do gosto ou de Wisberg*, e para o professorado, sobre o *Arthritismo*, em 1884; o concurso para medico do Hospital, em que foi o primeiro classificado, foram novos triumphos que assignalaram o inicio da sua carreira como lente e como clinico.

Na eschola, entre geraes sympathias, passou sem transição nem remanso do banco dos escholares para a cathedra do magisterio.

Quando elle regia pela primeira vez, como substituto, na ausencia temporaria do proprietario, tido aliás em razoavel conta pelos alumnos — da bocca de um d'elles, hoje medico distincto, o ouvi — ficaram estes extasiados e maravilhados pelo confronto, reconhecendo nas lições do substituto o verdadeiro e eloquente verbo da sciencia, envergaduras de haverem supposto perfeitas aquellas que ora contrastavam com as claras, fluentes e profundas explanações do *discipulo dilecto de Sousa Martins*, como geralmente o denominaram.

O que vale Carlos Tavares como profissional attesta-o a clinica particular procurando o com avidez nos mais acerbos lances da doença, creando-lhe a reputação de um dos mais abalizados, dedicados e desinteressados clinicos da capital, louvando-se de felizes aquellos que conseguem ouvir o seu conselho, recorrer á sua inextinguivel bondade e solicita proficiencia.

Verdadeiro discipulo e seguidor de Sousa Martins, é elle actualmente um dos facultativos de maior e melhor fama, tanto justamente merecida pela sua perspicacia e pela sua sciencia.

Finalmente, como litterato e artista da palavra, se não é grande a sua bagagem não é ella por isso menos valiosa. Sousa Martins chamou-lhe — apaixonado e distinctissimo cultor da palavra (3) — Artista do mais puro quilate, manejando a lingua, com os primores e subtilezas rendilhadas, que bem lembram a fina e scintillante phrase de Latino e de Antonio Candido, Carlos Tavares, modesto e simples, esquivase singularmente á ostentação d'essas galas do seu talento. Por isso a sua obra litteraria é representada apenas pela collaboração na *Medicina Contemporanea*, na *Revista da sociedade das sciencias medicas*, no *Brasil-Portugal* e em outras revistas scientificas e litterarias, e pela direcção, que lhe foi confiada, da edição dos estudos medicos do dr. Sousa Martins.

Em setembro d'este anno de 1901, o sr. Conde de Ficalho, em carta amabilissima, convidou o illustre clinico, em nome de Sua Magestade El-Rei a aceitar o logar vago de medico da real camara; assim mostrou publicamente o soberano a alta consideração que lhe mereciam os excepcionaes dotes do sabio professor.

Para que não cause estranheza o humilde nome que subscree este artigo, devo esclarecer que escrevendo-o nunca tive em mente, o que seria arrojado imperdoavel, fazer um estudo critico do valor e merecimentos de Carlos Tavares. Quiz apenas registar a nota perfeitamente subjectiva da impressão que me causam a pujança d'aquelle intellectualidade, a bondade inextinguivel do seu coração diamantino e a impolluta austeridade do seu caracter.

Entendi e entendo que relatar a veneração e o culto que a

esse homem prestam os que, no limitado círculo de antigos escolares, mais de perto o conhecem e por isso mesmo tanto mais o admiram, e trazer este culto ao conhecimento do grande vulgo se poderia considerar ousadia perdoável, por vir estabelecer o contacto e ligação, essa solidariedade que tão desajeitado seria que existisse, entre a grande maioria anónima da sociedade portuguesa e os seus mais egregios, luminosos e prestantes conchadados, de cujos cerebros possantes brotam os raios brilhantíssimos que illuminam com imperecível luz o nome hoje tão vilipendiado d'esta Patria querida, antigo ninho de heróicos, de poetas e de sábios, presentemente desvirtuada pela desmoralização, corroida pelo egoísmo, perdida pelo descredito.

Liboa, dezembro de 1901.

VICTOR RIBEIRO.

(1) *Elogios fúnebres*, em conferencias publicas, nas sessões da *Sociedade de Geographia*, de 20 de novembro de 1897, e da *Sociedade das Sciencias Medicas*, de 25 de junho de 1900, publicados nos respectivos boletins.

(2) Pelo lapiz de Bortaldo Pinheiro no *Antonio Maria* e no n.º 3 de um jornal dos novos — *Os homens de amanhã*, onde appareceu o seu retrato sob a legenda *sic iter ad astra*, desenhado de Metacarpus (sr. dr. Mello Vianna), e texto de Calamus Scriptorius (sr. Marcellino Mesquita). Maio de 1882.

(3) *Carta-Prefacio* ao livro *Quatro dias na Serra da Estrella*, pg. 3.



Na Romaria

«São lindas, não podem beijos...»

— Viva! Então temos cá pela romaria gente da minha parochia...?

E como estão alegres... a cantar...

— E' verdade, sr. parcho, é verdade. Ora, a gente tambem tem coração aberto p'ra folgazão! Depois o ganho dos toirinhos que criámos este anno não é semo p'ra reinação, sr. padre. Olhe, mercamos n'este instante uns rebuçados; fone, mordide um; ande, e viva a folia!

E' a gente do André Alegre que se encontra no terreiro das fructas com o padre Guilherme, da freguesia de Sobradello; este colloquio decidido com elle, dá a esportada Maria, a aletria perpetua da terra, que, conchando nas bocas das invejosas da sua lindexa e da sua garrulice, jámal os seus olhitos, risonhos como a flor do espinho, fecundaram uma lagrima, não logrando colher da tristeza o mais pequenino cravo, o mais imperecível disco da mortalha, o mais ligeiro toque da dor, e que está prestes a depositar o José de Gondomar, senhor de algumas leiras e tapadas.

D'est'arte, como o José não tarda a commungar d'esse seu grande riso da vida, ella anda no auge do prazer, ariosa e soffrega como a arveloa ao abicar nos regos das charruas o silimento d'alva; e anda com feitas nos olhos, no rosto trigueiro como o centeio; no coração, mil replicadas de adufes do rapazio feliz; na ponta da lingua, verisimos da singeleza, promptos a entornal-os no desafio; e tantas gaiteiras no corpo de estatuaría sã — tantas, tantas, que ás vezes sua mãe, — uma leira de virtudes — chega a agouiar-se com affino e accender-lhe na mente:

— O' Maria, então tu não vês que estás a ofender a deocidia e a Virgem? Mais virtudes, rapariga, e bonda de tolices. Olha que tu já tens idade para ter juizo!...

De facto, a Maria já tem tempo para ter juizo, pois que, na proxima vindicta, a 18, vai passar pelos 25 annos. De resto é noiva, má a chegar, mais proxima a guiar um tecto. E então, em se lembrando das indecências de solteira, terá de desandar a cara para a banda de arrefresco de sojo, um cento de esgares no rosto de mulher, de sentir o vermelho da cereja bical, a quequerra extreme da versidão.

Mas ella lá pôde ter juizo, deixar de rir, cantar! Pois sim. N'isso é que ella se não pôde avir — não fosse a Maria do caserio André Alegre. Ali mesmo — credo! ao pé do sr. parcho, o Deus da alida e serras em redor, sae-se com esta, virada para elle com rompante:

— O' sr. padre, quando ficam promptos os meus papeis? Olhe que eu estou mortinha por casar; se me esperar muito... eno logo de madaura como as castanhas em se lhes abando o castanheiro.

O santo do padre não souso responder, de jeito, á danbrida rapariga. Mas, logo, a deu-lhe d'ali, e á sua gente, convidando todos a uma espreitada a um gigo de damascos de vendeira á mão. Comeram da fructa saborida, e o sr. padre depois, repartido com todos a benção do Senhor, apartou-se do bando composto de quatro mulheres; mãe, duas filhas e uma servente, — moçoila de espadas soberbas, alta, olhos macios como a frescura das latidas. Desceram ao posto das tendas e eis que eaburram com o José

de Gondomar a ensaiar, dextro e regalado, a perna em cruz sobre o cajoado, um navalhão, de forja vimarense, n'um mercador de quiniquilherias.

A Maria após vel o arro-a-se ávida, chama-o á banda isolada, e pergunta-lhe com ardor (os olhos d'ella entreabrem lampejos de supplicas):

— P'ra que é essa navalha de matador, ó José?... Tu parece que vases faceres da tua... Vê lá! Lembra-te que o sr. padre Guilherme não tarda a vir nos a ambos!

Mas o seu derriço apenas lhe diz: «que sim, não havia nada; mas que não ia deixar escascar a cabeça caso algum tolidido lh'o tentasse facer».

O arraial de Nossa Senhora do Porto d'Ave vê-se, lento a lento, vinculado dos forasteiros, os quaes, em ranchos gárrulos, ruidosos, empunhando harmonicas guitarras e violas, arribam de todas as paragens, atravessando rios, vencendo devesas, descendo serrarias, cortando arribas, saltando portellos... Mulheres na leva, — todas com os peitos innudados de cordões d'ouro e em trajes bizarros, — ellas affluem a todas as feiras e postos religiosos da romaria: ás tendas, em busca precipitada de objectos raros ás suas mãos rusticas, communs á rabuça e ao alvide; — de um lenço furta côres, de seda, para a cachopa mais trabalhadeira que ficou de guarda ao lar e de espreita aos campitos, de umas arrecadas para a afinada que «é um zotivo» — os calvarios, de rastas, em penitencia por ter sarado o desavergonhado Antonio do mal que colheira das «perdiças» quando fira á villa; — a fira os crentes verdadeiros, que esaa vão lá tocados sómente pela grande Fé, saturados pela prece á Santa milagrosa, — em cubica nos altares e ás columnas douradas com as testeiros em arabescos e apucena, ás imagens ricas de pedrarias e tunicas, aos ramos de flores de seda, veludo e oiro, ás purpuras e recamos das vestes sacerdotaes...

Está quasi a tombor o crepusculo sobre as cabeças dos peregrinos; cabeças que, uma a uma vão perdendo o fio como o dia vai perdendo o sol.

Subito ouve-se o estalar dos marmeleros e juncos: um grande alvoroçado caso de desenroscar-se nas mercearias ao lado da feira do gado. — São os accordes do vinho, que lavra os seus incendios por todos os cerebros.

Movido talvez pela sua fama de «rijo» nos barulhos, lá está o José que, depois de dar em vão algumas pauladas, avista o seu concorrente de amor, das beiradas de Brunches.

Aproveitando a feita que logo tirar despique das olhadellas que esse trepidamente arrancará á sua Maria, começando a espical-o á lueta com dichotes fennos.

Todavia o outro, que não é péco, responde á entrada com valia, brandindo no ar o pau de dois covados, enquanto o não estra nas cotas no prazecedor. Ambos na contenda, tem por vezes o campo na duvida; ás ultimas cajadas, porém, o José cãe por terra, de boreco, vencido, e sem gloria para o navalhão de Guimarães, que elle guardará no estanco de um conhecido via ao Mosteiro falar a Nossa Senhora, lá ficando esse qual entrevado infeliz na enxerga. Chega a gente do André, e eis as primeiras palavras da filha ante o noivo chado, aborço, a fronte cravada no solo ensanguentado:

— Ah! Jo-é! José!... bom n'o d'ixa o coração!

Tuhs emfim batido uma hora teia á Maria!

Vencidos tempos, havendo melhorado o José, quiz ir fallar do seu casamento á Maria, hoje bore arveloa em crepe; mas era já tarde: namorado que não ouvira a sua supplica era agora um estranho, um homem commum para o coração da donzella.

Rio de Janeiro

Costa Macedo.



Typos das ruas

EM LISBOA

NO RIO DE JANEIRO



O padroeiro

O sorrateiro

A VIAGEM empreendida em novembro último por lord Curzon, vice-rei da Índia inglesa, a Mandalay, capital da alta Birmânia, com o fim de visitar esta vasta província, hoje parte integrante do império indiano, deu ensejo a que mais uma vez se possam avaliar os processos da administração britânica, comparando-os com as normas que ainda agora prevalecem nas demais nações coloniais. Ao mesmo tempo o procedimento de lord Curzon, como já vimos ver, representa a mais acerba censura aos actos das potências na China, cobrindo com a sua autoridade e defendendo com os seus câmbios os condenáveis excessos dos missionários, principais responsáveis pelas sangrentas represalias dos *boxers*, que a sua moderação entenderam dever protestar contra o modo por que os chineses eram tratados pelos representantes da Europa culta.

A propósito dos progressos realizados pela alta Birmânia, e depois de ter a traços largos recordado a história do país, o vice-rei, dirigindo-se especialmente aos birmânes das diferentes castas, pediu-lhes que conservassem os velhos usos e costumes, que eram uma preciosa tradição nacional. Referindo-se ao culto religioso pronunciou textualmente as seguintes palavras, cuja importância em tal bocca é inútil encarecer: «Tendes uma venerável e afamada religião, cujos restos estão espalhados por todo o Oriente, e cujos templos devem ser contados entre as maravilhas do mundo asiático. De nada serve, porém, construir pagodes se não estades dispostos a mantê-los, pois que uma religião popular e poderosa não é bem representada por sanctuários despojados e em ruínas». Finalmente, terminou este extraordinário discurso com o seguinte firme: «A política que eu adopto em conclusão eu dirijo aos birmânes são as seguintes: — conserve o que for melhor na vossa fé religiosa, no vosso caracter nacional e nas tradições, aspirações e energia da vossa raça. O mais leal súdito do imperador-rei na Birmânia, o birmão que mais alto respeito me merece, não é o mais inteligente imitador da Europa, mas aquelle que for mais fiel ao que pela simplicidade e honesto procedimento melhor estiver de accordo com os instinctos da natureza humana».

O que deixamos transcripto e que merecia ser todo pela sua importância sublinhado, ao mesmo passo que encerra um programma completo de administração e politica colonial, contém a mais severa condemnação da propaganda proselytista dos missionários na China. A religião dos chineses, os velhos usos e costumes do império do Meio, dos mais antigos com certeza que hoje existem, não são menos respeitáveis que os da sua religião, aos quaes lord Curzon acaba de prestar tão calorosa homenagem. Porque se segue então na China uma linha de proceder diversa da que se adopta para a Birmânia? Acaso o hinduismo das margens do Iraudi vale mais, sob o ponto de vista religioso ou ethico, do que o confucianismo das margens do Yang-tse-Kiang? Porventura o buddhismo dos templos de Mandalay é outro e melhor para a felicidade das populações que o professam, do que o buddhismo dos templos de Pekin, sómente porque n'esta cidade a religião de Sidaitha é a dominante? Não se trata de culto de «Fó», pronunciação chinesa do nome do reformador indiano? Como se explicam então dois pesos e duas medidas para condições sociais exactamente as mesmas? Se a tolerancia de lord Curzon, tão altamente significativa, representa a unica politica racional e digna da parte das nações europeias para com os povos asiáticos, sobretudo para com aquelles que se ufam de possuir uma antiquissima civilização, porque motivo na China essas mesmas nações seguem normas diametralmente oppostas, tentando chamar o desprestigio sobre os usos e cerimoniaes indigenas, que são parte da tradição nacional, e o que mais digno de reprovação é, esforçando-se por pôr a sombra dos ideaes principios da religião e da moral promover interesses terrenas tantas vezes inconciliáveis nos seus intuitos?

Não sabemos o que a respeito do discurso do vice-rei da Índia pensarão as potências, que juntas mandaram o anno passado as suas tropas ao Extremo-Oriente, incluindo a propria Inglaterra. O que é evidente contudo, é que este discurso representa um acontecimento, que ha de ter inevitavel repercussão nas relações da Europa com a Asia, até hoje reguladas apenas pelo egoismo mercantil, triste caracteristica dos tempos que vão correndo.

Foi presente ao congresso americano a mensagem do presidente Roosevelt. E' um documento longo, cheio de ideias expostas com a maior clareza, e um verdadeiro programma de governo de uma administração nova. Se não pode corresponder a todas as esperanças, se até certo ponto foi uma desillusão para os que desejavam attitude mais rasgada e energica em certas questões, por exemplo, na dos *trusts*, não ha duvida todavia que a mensagem presidencial redime esses pontos fracos, se é que o são, por uma franqueza, rara n'esta ordem de documentos, e por uma segurança de affirmações, que são bom prognostico de futuro. A propria moderação, que a admiração, com que o sr. Roosevelt se refere á ardente questão dos *trusts* e ás medidas a tomar para lhes coarctar os abusos, denuncia coragem não vulgar, por ir de uma parte contra a opinião radical, que reclama uma legislação *ad adum* contra os Rockefeller, Pierpont Morgan e outros archi-millionarios, e por outra contra os encarnações defensores d'estes reis do milhão. A posição intermedia, que o sr. Roosevelt escolheu e que na mensagem defende com solidas razões era para elle a mais difficil. Nem por isso, contudo, deixou de a tomar e com tal decido, que embora não consiga desarmar a inevitavel opposição ao modo de ver que preconiza, ha de forçar até os mais encarniçados adversarios a prestarem homenagem á sua força de caracter, que mais uma vez em semelhante questão se patenteia. Não ha duvida, que o presidente Roosevelt é um forte, que não se acobarda com os obstaculos, nem procura por transigencia evitar as situações difficéis.

Depois de se referir mistadamente a todas as questões relativas ao desenvolvimento da prosperidade nacional, como a modificação da

pauta e a reciprocidade commercial, accetando n'este ponto o programma esboçado no ultimo discurso de Mac Kinley em Buffalo; e á marinha mercante, cujo fomento entende deve ser cuidadosamente promovido, occupa-se o sr. Roosevelt da situação das Philippinas e de Cuba, dos interesses dos Estados-Unidos na China, do tratado Hay-Pauncefote para a construção do canal da Nicaraguá, e finalmente da doutrina de Monroe, que afirma dever ser o ponto cardinal da politica estrangeira de todas as nações das duas Americas. «Esta doutrina não pretende garantir nenhum Estado americano contra o castigo que merecer pelo seu máo procedimento», diz textualmente o presidente Roosevelt, «contudo que se esse castigo não assumia a forma de acquisição territorial por qualquer potencia não americana... O que nós não queremos é ver qualquer potencia militar da Europa lançar raizes n'este continente, ou sermos nós proprios obrigados a converter-nos em um estado militar tambem...».

A allusão contida n'este ultimo periodo vai tão directamente á Allemanha, accusada com razão ou sem ella de n'este mesmo momento estar preparando o golpe de mão na Venezuela, que em Berlim devem ter ficado edificados sufficientemente acerca da possibilidade de qualquer aventura transatlantica semelhante á de Kiau-Tchau.

Como se pode apreciar pelo primeiro documento official do novo presidente, e por alguns actos já realizados, que servem de commentario á mensagem agora presente ao congresso, a politica americana está em boas mãos. O que temos os resultados da morte de Mac Kinley podem tranquillizar-se, porque ao successor do fallecido presidente encontramos a mesma attitudem de firmeza e de energia, e não o crime de Czolgosz lhe lançou sobre os hombros. Pode até dizer-se que a respeito de energia e firmeza de caracter, nunca entrou ninguém na Casa Branca que em mais alto gráo as possuisse.

O destino ou o acaso compraz-se ás vezes em cruez ironias, que parecem intencionalmente propozidas. A Allemanha tem sido o fôco de uma conturbante e odienta propaganda contra a Inglaterra, desde que principiou a guerra sul-africana. Não ha calumnia que certa imprensa germanica não tenha perfilhado, desde as de caracter puramente politico, até ás que ferem especialmente o exercito inglez na sua honra e na sua capacidade profissional. Um dia são os campos de concentração, outro são os julgamentos dos conselhos de guerra, outro são os incendios das granjas e a destruição da propriedade boer, e acima de tudo como tudo isto, tudo isto permanece das accusações quotidianas e das inflammas apostrophes de despecho do publico, para se exarxar ás duas republicas, que em hora de mau conselho arrojaram ao imperio um *ultimatum* mais heroico do que prudente. Assim, a Allemanha constituiu-se desde o começo da guerra n'um grande centro de descredito contra a nação ingleza, chegando por vezes a violencia da censura a assumir proporções de tal maneira graves, como na recente campanha contra Chamberlain, que o imperador em pessoa se viu obrigado a intervir para evitar a desmoralização da imprensa.

Pois é exactamente na occasião em que o povo germanico, no desempenho do ingrato papel de censor intransigente, *urbi et orbi* accusava a Inglaterra de se de lesa-humanidade, que, como vulgarmente se diz, lhe «cae o raio em casa» vindo os acontecimentos de Wreschen a proposito para tirarem toda a força moral á accusação.

O facto é o seguinte. No empinho, ha bastantes annos continuado com insistente persistencia, de germanistas ás suas provincias slavas, o governo prussiano decretou o ensino obrigatorio nas escolas de Posen e dos districtos circumvizinhos da lingua allemã para os estudantes polacos. os quaes, sendo catholicos, deviam apesar d'isso receber o ensino religioso n'um idioma para elles estrangeiro, e que era mesmo a lingua official da religião opposta á que elles professam. Instigados evidentemente pelos paes os estudantes polacos recusaram-se a responder em allemão ás perguntas sobre doutrina religiosa, que pelos mestres lhes eram feitas. Participado o caso para Berlim, tiveram as autoridades locais como resposta instrucções precisas para procurar por meios suaviosos vencer a resistencia dos alumnos. Quando, porém, os meios brandos fossem inefficazes ordenava-se o recurso aos castigos corporaes, o que de facto se realizou em Wreschen, mandando-se alem d'isso instaurar processo criminal contra os paes ou tutores dos estudantes mais recalcitrantes. Escusado é acrescentar que os accusados foram condemnados a diversas penalidades e multas. Apenas este facto se tornou conhecido, um enorme movimento de revolta se produziu em todos os paizes de lingua polaca, instituindo-se desde logo commissões afim de angariar meios por subscrição publica, para pagar as multas a que tinham sido condemnados os chefes de familia, cujos filhos se haviam recusado a fallar allemão nas escolas.

Os polacos austriacos foram os primeiros a manifestar-se, correndo pressurosos a encher as listas de subscrição alguns dos vultos mais conhecidos da politica germanica, os estudantes de Viena, o antigo presidente do conselho de ministros da Austria. Alem d'isso as manifestações tumultuosas de Lemberg, em que o escudo do consulado allemão foi despedaçado, iniciaram um movimento, que depois se reproduziu em Varsovia, e até em Moscov e outras cidades russas, assumindo assim caracter francamente slavo e de protesto contra o germanismo. De modo que a Allemanha tem hoje nas suas provincias orientales em estado agudo um grave conflicto de raças, cujas consequências não é facil prever, mas que representa na melhor das hypotheses manifesto enfraquecimento da sua unidade nacional. E o peor é que na luta iniciada por Bismarck a Prussia até hoje não tem levado a melhor. Todos os dias o elemento allemão recua, batido em brecha pela pertinacia da população polaca, cuja prolificidade alem d'isso, muito superior á da população germanica, constitue para o elemento slavo seguro penhor de victoria em futuro mais ou menos distante.



De uma phot. de Emilio Riel

O mercado do peixe, em Lisboa

Romance e Poesia no Brasil

II

O realismo manifestou-se na literatura brasileira, definitivamente, em 1883 com a publicação dos romances do sr. Aluizio Azevedo, escriptor que até 1887 quando appareceu a sua novella *O Homem* achava-se isolado n'esse terreno e por isto o dr. Clóvis Bevilacqua nos seus estudos de criticas *Epoicas e Individualidades* considerou-o como iniciador e propiciador da transformação naturalista no Brasil.

Efectivamente, Aluizio Azevedo nos seus livros—*Casa de Penão*, *Mulato*, *O Coriço*, *O homem*—é um naturalista da mesma escola de que é chefe o eminente francez, Emilio Zola. Cumpre notar que seguindo o rumo traçado pelo romancista brasileiro outros escriptores appareceram. O philologo Julio Ribeiro escreveu *A Carne*, uma novella ultra-realista, Horacio de Carvalho produziu *O chromo*, Marques de Carvalho escreveu *Hortencia*, e Raul Pompêa publicou *O Atheneu*, linda novella de costumes collegias.

A' excepção de Raul Pompêa, os auctores alludidos muito se preoccuparam com os casos pathologicos; só crearam tipos de mulheres neurosthénicas e histéricas, e não se preocuparam com o desejo carnal.

Lenita, a heroína do livro de Julio Ribeiro, não representa um producto da civilização nacional; sua alma, o seu temperamento é exagerado; além d'isto o romance não tem unidade de acção; resume-se em uma serie de descripções de cousas e de factos differentes, requintados de scientismo, embora as suas paginas estejam todas elaboradas n'uma forma correcta e purissima.

Esther, a heroína do *Chromo*, descripta pelo escriptor M. de Carvalho, é muito pouco diversa da personagem d'*A Carne*, pois também uma *precisita*, conhecedora dos dominios da sciencia e da philosophia—enamora-se de um moço vulgar; fica impressionada excessivamente com a visão de um chromo e afinal propellida pela suggestão hypnotica entrega-se a um medico experimentalista. Hortencia, a heroína creada pelo sr. J. Marques de Carvalho, escriptor paraense, apesar de não ser mulher illustrada como aquellas dos romances a que nos referimos, tinha a molestia nervosa, padecia tambem de accessos de hysteria, e como as outras teve o mesmo fim sensual e apaixonado. A labridade perdeu-a.

A estes mesmos tipos de mulheres doentes, sentimentalmente desequilibradas pertence Magdã, a desditosa filha do conselheiro Pinto Marques que proporcionou a Aluizio Azevedo assumpto de estudo para o romance *O homem*.

Entretanto a critica entendeu que nenhuma d'estas obras podia servir para demonstrar o caracter brasileiro, pois não podem ser consideradas novellas completamente brasileiras como a escola realista poderia produzir.

O romance de imaginação tem o seu grande representante na individualidade do escriptor H. Coelho Netto, cujo talento exuberante, não encontrou ainda competitor para a descripção vivazmente colorida, seivosa e com o esplendor tropical de todos os aspectos phisicos e moraes da natureza e do meio brasileiro.

O sr. Coelho Netto auctora de muitos romances, de novellas, contos e chronicas publicados em toda a imprensa diaria do paiz, e editados em obras pela importante casa Laemmert, do Rio de Janeiro.

Da sua fecunda producção litteraria escolhemos alguns dos seus livros que melhor acceitação encontraram. *Inverno em Flor*, romance de alcance litterario e scientifico, em que é estudado um caso de enfermidade mental, mereceu o douto applauso dos notaveis professores da Faculdade Medica, srs. Erico Goellio, Teixeira Brandão, Francisco de Castro, F. Fajardo, e d'outros. O tipo de Jorge Soares, o personagem do romance, é o de um verdadeiro paranoico; quando o seu cerebro enfermou, era um delirante, em allucinações frequentes até ser encerrado no hospicio de alienados. Sarah é uma gentil e encantadora mulher que com os seus sorrisos, a sua graça e bondade muito suavisa os scenarios d'este romance, rico de colorido, da belleza das paisagens floridas e dos quadros tão animados na fidelidade com que estão pintados descriptivamente.

O Serião, conta de novellas essencialmente nacionaes, tirada, da vida camponesa dos negros e dos caboclos. Tem paginas de opulento fulgor na representação dos costumes ruraes. *A Tormenta*, é um outro romance psychologico em que, como no *Inverno em Flor*, ha o estudo de um vesânico. Tem situações bastante dramaticas e commoventes. *Miragem e Rei Phantasma*, são obras do genero maravilhoso; appareceram como folhetins em jornaes fluminenses.

A Capital federal é a interessante novella de um provinciano que veio da sua aldeia de Minas passeiar no Rio de Janeiro, e se deslumbra da existencia d'esse grande centro de população. *O Rajah de Poudjah*, pertence á serie dos romances do sr. Coelho Netto, que maior circulação tiveram. Trata de indigenato no periodo da conquista portugueza; descreve as expedições paulistas conhecidas na historia pelo nome de "Bandeiras" e conta com muito brilho a fundação de Pirapora pelos "bandeirantes".

Como obra de imaginação é de uma riqueza prodigiosa. Além d'estes romances, o talentoso auctor tem publicado um grande numero de novellas: *Romanceiro*, constitue um repositório das que elle considerou mais delicadas e formosas; *Paraiso*, ou excelsa phantasia é uma prova das suas extraordinarias qualidades de prosador arrojado; *O Morto*, narrações pittorescas de alguns episodios da revolução de setembro.

Coelho Netto, exerce actualmente o cargo de lente de litteratura no Gymnasio de Campinas, prospera cidade do Estado de S. Paulo, e justamente goza de uma invejavel reputação de estilista em nossa moderna geração litteraria.

Um romancista que se tem occupado da vida e dos costumes do extremo norte do paiz é o dr. Herculano Ingles de Souza, em litteratura Luiz Dalzani. Com este pseudonymo escreveu os romances *Missionario*, *O Causatiro* e outros que se passam no fertilissimo valle

do Amazonas. Os caracteres, as paisagens, a luxuriosa vegetação das terras dos tropicos, estão habilmente esboçadas e vivem com toda a expressão da verdade e do sentimento.

Esta litteratura do norte, como alguns escriptores a denominam, tem dignos representantes no talento e na aptidão de Rodolpho Theopim auctor dos romances *A Fome*; *Os Brilhantes*; *Maria Rita*; *Violação*, novella dolorosa acerca do flagello da peste e dos horrores das secas do Ceará. Papi Junior pertence tambem a litteratura nordestina; seu romance *O Simas*, revela as qualidades de observação e o sentimento do auctor que se compenetrou das condições do meio e dos habitos populares.

A escriptora D. Julia Lopes de Almeida é uma romancista de merito provado. Escreveu a *Familia Medeiros*, narração litteraria da existencia dos proprietarios de uma grande cultura de café no interior paulista, enquanto houve o trabalho escravo. Mais tarde publicou as novellas *Visua Simões*, *Memorias de Martha*, e actualmente *A Fallencia*; em todos estes livros ha estudo e analyse do sentimento da sociedade brasileira.

Valentim Magalhães, prosador elegante, auctor de numerosas publicações litterarias e artisticas, vive em uma alta honra do louvor de C. Castello Branco, ensaiou-se no romance com a publicação de *Flor de Sangue*, estudo realista sobre temperamentos individuaes.

Gonzaga Duque, um habilissimo chronista que cultiva a critica artistica, é auctor do romance *Mocidade Morta*, que foi recebido com o mais franco applauso publico.

Entre os litteratos contemporaneos dignamente figura o vibrante polemista José do Patrocínio, imaginoso escriptor de artigos politicos e auctor dos livros *Além da Cegueira* e dos *Relatarios*. O primeiro é um estudo social da applicação da pena de morte e o outro refere os lugubres scenarios do Ceará durante os tempos da secca de 1876, em que houve o exodo de uma grande parte da população.

O joven mineiro Arthur Lobo, fallecido este anno, ensaiou-se com exito no romance e na novella. Publicou *O Escandalo*, descripções felizes da educação religiosa e dos costumes dos habitantes de uma localidade de Minas, bem como a influencia do amor em um sacerdote. Nos *Rozas* muito aperfeiçoou a forma descriptiva dos humanos affectos. Filhou-se na escola do *verismo* italiano, demonstrando apreço elevado por Gabriele d'Annunzio.

A intuição realista é a dominante na geração litteraria do Brasil moderno e não foi sem razão que um dos mais illustados criticos disse com acerto que os romancistas foram mais lidos do que os realistas actuaes porque foram mais brasileiros e mais originaes.

Com os escriptores José de Alencar, Manuel de Macedo, Sylvio Dinarte, Bernardo Guimarães, Franklin Tavora e Machado de Assis, que é um romantico de origem purissima—o romance foi a manifestação principal da nossa litteratura e certamente a causa do seu espirito nacionalista.

Entre os contistas e melhores prosadores figura, Raul Pompêa, morto prematuramente por uma neurosthénia atroz que o levou ao suicidio. Além da novella *O Atheneu*, deixou multidão de artigos de jornal que publicou como collaborador da imprensa fluminense e um volume posthumo, intitulado *Canções sem Metro*, em que a narraçao *Lágrimas da Terra* inspirada nos versos de Leopardi, é uma das mais primoradas.

O primeiro é auctor de *Senhor*, livro de novellas e tambem de contemporaneas; a sua novella *O Invejado* tem as proporções de romance; outras não menos notaveis já publicou. São ellas: *Lupe*, *Minha Filha*, *Meu paiz* e o livro de impressões *Vultos e factos*. Quando estudante fez versos e reuniu-os n'um livro a que intitulou *Telas Sonantes*.

Nestor Victor e Oliveira Gomes pertencem á escola dos symbolistas ou nephelistas.

O primeiro é auctor de *Senhor*, livro de novellas e tambem de *Amor* que é uma descripção de episodios da vida de uns rapazes que viviam ligados por uma fraternal affeição e camaradagem. Entre os seus melhores estudos e monographias figuram a biographia litteraria de Cruz e Souza o insigne poeta negro, e um livro comprehendendo apreciações do romance francez *Les Deracinés*, a Henrik Ibsen e ao Cyrano de Bergerac.

Oliveira Gomes é um moço litterato bastante talentoso, publicou um livro de narrações com o nome de *Vida Dolorosa* no qual mostra qualidades de cultor do estilo. No genero das descripções maritimas e dos episodios da coragem dos marinheiros distingue-se o sr. Virgilio Varzea que reúne perfettamenteemente ao seu grande talento de impressionista, o espirito de analyse e a nostalgia das plagas onde passou a sua infancia, ouvindo o bramido das ondas do Oceano.

Publicou o livro de contos *Mares e Campos*; o romance *George Mariat*; *Contos de Amor* e a novella *Nina do Paladino*, e muitas outros contos nos diarios fluminenses. Este moço escriptor tem grande apreço pela litteratura exotica de que são mestres os auctores francezes Loti e Pierre Maël.

A representação pittoresca dos costumes e do meio do interior no immenso Estado de Minas, cujas montanhas cobertas de florestas relembra as paisagens alpestres da Suissa, tem um interprete em Affonso Arinos, que é um aprimorado prosador.

Seus factos que se passam no sertão e as aventuras dos sertanistas seduzem este escriptor. O seu livro de novellas causou grande estima em nossos circulos litterarios. Brevemente promette a publicação de um romance intitulado *Mestre de Campo*, versando sobre a antiquidade colonial do Brasil.

Adolpho Caminha foi um moço escriptor que desapareceu do mundo quando principiava a ser conhecido. Deixou as obras litterarias *A Normalista*; *Bom Creoulo* e *No paiz dos Yankees*. Goza de muito

apreço como prosador o vigoroso escriptor Arthur Azevedo. E' auctor de novellas, chronicas e contos desde alguns annos passados na imprensa diaria. Publicou um livro de contos e tem cultivado com successo o genero theatral, pois são bastante festejadas as suas espirituosas comedias e revistas de anno e algumas feitas em poesia fluente e agradável.

Lucio de Mendonça, alto magistrado da organisação judiciaria da Republica, alem de publicista, é um escriptor litterario. Recentemente publicou o livro *Horas de Bom Tempo*, reminiscencias do seu passado de jornalista e de estudante em S. Paulo.

O sr. dr. Mello Moraes Filho recommenda-se como cultor do *Folklore*: escreveu interessantes obras sobre os costumes, a indole e as tradições nacionaes. Como poeta publicou os *Cantos do Equador*; disse um dos seus criticos que appreciou o seu nacionalismo na Arte. Mello Moraes é um escriptor que sabe amar o sol da sua terra e prender na sua palhetta os esplendores dos seus raios.

Evocando as chronicas do periodo colonial da patria, o dr. Rodrigo Octavio, applaudido escriptor do livro *Festas Nacionais*, publicou a importante obra historico-litteraria *Felizardo Almeida*, tito formosa e tão cheia de informações sobre a mineração de preciosas jazidas, como é elegante e bello o romancete *Contractador de Diamantes*, de penha do dr. Afonso Arinos.

Pedro Rabello, moço litterato e já membro da Academia de Letras, publicou um livro de contos denominado *Alma Alheia*; tem esta produção naturalidade phrase e cuidado no estylo, que é correcto e expressivo.

Olavo Bilac, o insigne poeta dos *versos* é um prosador excellente; dispõe de um estylo escultural e de uma imaginação magestosa. Substituiu Machado de Assis, na chronica semanal da *Gazeta de Notícias*, e tem publicadas estas obras *Chronicas e Novellas*; *Patria Brasileira*; *Terra fluminense*, e annuncia para breve os *Contos Patrios*, livro collaborado por Coelho Netto.

São apreciadas pela suavidade da forma e pela brandura de sentimento com que são escriptas as obras do dr. Garcia Redondo, professor da Escola Polytechnica de S. Paulo e habil prosador. E' membro da Academia e já publicou os livros de contos: *Caricias*; *Arminhos*; *A Choupana das Rosas* e uma copiosa serie de folhetins no jornalismo nacional.

O dr. C. Magalhães de Azeredo, litterato finissimo e diplomata, é considerado o Benjamin da Academia de Letras. Tem talento de prosador e aptidões de critico.

E' auctor dos livros *Alma primitiva*; *Balladas e Phantasias*; *Procellarias e Elegias*, «ao poeta Latino», versos em honra do pontifice Leão XIII. A sua organisação de escriptor tem um forte pendor pelo psychologismo de Bourget, o que torna bastante concisa e cohesa a phrase dos seus trabalhos sempre meticolosos e elevados.

Osorio Daque Estrada; Escagnolle Doria; Alberto Rangel são moços de um grande talento e que na litteratura do jornalismo fluminense tem exhibido a aptidão que possuem. No mesmo conceito é tido o merito do sr. Domicio da Gama, auctor de uma interessante novella *A Psychese*, e de varios artigos que appareceram em revistas nacionaes e estrangeiras.

Com o titulo de *Contos da Rapa*, o dr. José Piza publicou um pequeno volume descriptivo dos costumes e sentimento dos rusticos de S. Paulo, os *Caipiras*, como vulgarmente são conhecidos e designados pela gente da cidade. Este livrinho, bem como algumas produções para o theatro lhe deram um nome estimado no seu meio artistico e intellectual. Em Minas, ensaia-se proveitosamente o talento de escriptor de Assis das Chagas, na phantasia ligeira, no conto e nas narrativas.

Até aqui abocamos o movimento litterario que se effectuou em nosso paiz, movimento que constitue uma demonstração existente da aptidão e de gosto que existe nos brasileiros pelas preocupações escriptuarias. Resta, porem, dizer alguma cousa da poesia.

Brasil

LEOPOLDO DE FREITAS.

Zeferino Lourenço Martins



Zeferino Lourenço Martins

ZEFERINO MARTINS é o actual vice-consul de Portugal em Santos, a florescente cidade do Estado de S. Paulo.

O nosso paiz tem, n'este portuguez intelligente e activo, um dos seus bons representantes. Expatriando-se, novo ainda, para o Brasil, soube impôr-se, pela sua honestidade, á sympathia da colonia, o que lhe va-

leu a nomeação para o cargo que hoje exerce com applauso geral. Zeferino Martins representa actualmente por amabilidade especial, em Santos, o *Brasil-Portugal*, que muito honrado se considera por ter este ensejo de prestar homenagem ás suas qualidades excepcionaes de caracter, n'estas poucas palavras em que a lisonja não entra.

Dr. Augusto Montenegro

(GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ)

NASceu o dr. Montenegro na cidade de Belem, capital do Estado, em 66. Estudante distincto pela sua applicação e intelligencia facil, formou-se no Recife, em 85, em sciencias juridicas e sociaes. No mesmo anno assentou banca de advogado na sua terra natal, onde pouco depois serviu como juiz de direito substituto, e mais tarde effectivo no Rio Grande do Sul. Em 89 entrou para a carreira diplomatica,



Dr. Augusto Montenegro

sendo nomeado 2.º secretario da Legação do Brasil em Berne. Passou, como addido para a de Paris, e pouco depois foi como 1.º secretario para Londres.

Ao abandonar essa carreira dedicou-se á vida politica, sendo eleito deputado em tres legislaturas. Como *leader* na camara, revelou toda a sua valia como orador. Finalmente, pela sua alta competencia, em 15 de novembro de 1900, foi eleito governador do Pará, tomando posse d'esse espinhoso logar em 2 de fevereiro de 1901.

Não poderia ser mais acertada essa escolha para um cargo de tão grande responsabilidade n'uma epocha terrivel de crise como a que o Brasil então atravessava.

Não o amedrontaram as difficuldades de então, e, afeito á lucta, impoz-se a tarefa de vencer. E venceu, adoptando medidas economicas, cortando despesas superfluas, creando fontes de receita, sempre com a mira no engrandecimento da sua terra, tão empobrecida por erradas administrações anteriores. Eram precarias as condições do thesouro, economica e financeiramente, e só um homem energico, intelligentemente orientado e honesto poderia restabelecer o equilibrio perdido, assentando os primeiros alicerces para um novo regimen de vida. Conseguiu-o, servindo-se para isso da dupla alavanca da intransigencia e do amor pela terra que o viu nascer.

O dr. Montenegro casou-se em Pernambuco com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Beatriz Baltar Montenegro, filha do sr. commandador Ferreira Baltar, abastado capitalista. Acompanha estas palavras uma photographia da illustre senhora.

O *Brasil-Portugal* felicita-se pelo enjeito que se lhe apresenta de poder dar á estampa o retrato do dr. Augusto Montenegro, cujo nome fica vinculado á historia da nova era de prosperidade do Pará.



Beatriz Baltar Montenegro



A sala dos serões

legado, por um antigo vizinho do sr. conde, general reformado, que promettera ceder-lhe por sua morte aquella reliquia de familia; e assim cumpriu. Depois, ainda á esquerda e n'um pequenino patamar a meio da escada, vê-se um esplendido relógio de columna, muitíssimo bem conservado, todo luzente ainda de madeiras de esmalte sob a evidente patina do tempo, e d'alto a baixo recamado de figuras allegoricas lavadas ao afamado vernis Martin. D'este lado as paredes estão totalmente vestidas de gravuras, telas, esbocetos, *plaquettes* e aquarellas, algumas antigas, e entre estas umas de Joseph de Obidos, venerado espolio da casa.

Mas agora nos chama a attenção, junto á columna de supporte do pavimento superior, uma fina e graciosa lileira que nos traz suggestivas evocações da individualidade litteraria do sr. conde, tão requintada e tão fina também. Porque esta lileira, — lembiram-se? — foi a inspiradora d'essa adoravel e sentida pequena novella do livro *Asulejos*, intitulada *O Segredo da minha calcirinha*. E de roda d'ella, completando a atrahente feição d'aquelle cosmopolitismo elegante, ha varias *laccas* japonezas, poltronas de coiro, faianças com arbustos, panoplias; e, nas paredes ainda, dois grandes e exóticos painéis fixando vivamente a attenção pelo seu caracter intenso, pela sua realidade flagrante, pela violencia do effeito alcançada á custa d'uma sobriedade summa no processo. São ambos chinsas: dois admiraveis quadros realistas, palpantes de emoção, asombrosos de verdade. Um representa *A festa dos mendigos em Peking*, e dá com a mais impressiva cor os sordidos arrebatamentos, a grotesca e doida embriaguez d'essa *hermes* annual dos miseraveis; o outro é allusivo á morte do imperador Kien-Lang, que foi contemporaneo de Luiz xiv, e tem esta legenda: Kien-Lung anno cyclico Sin-Hai, no inverno, lua das ameixas, feito e oferecido por San-Chi-Tong. — São ambos preciososíssimos, sobretudo este segundo. Mas a meio do ves-



A sala de visitas. — Ao fundo o gabinete de trabalho

Salões, Ateliers, Interiores

A casa do conde de Arnoso

POUcas casas se encontrarão em Lisboa com um tão accentuado cunho de arte, como esta do sr. conde de Arnoso, da qual vamos tentar dar alguns dos traços principaes, no limitado espaço de que nos é dado dispor.

Situada no aristocratico bairro de Buenos-Ayres, foi essa boceta ridente e pequenina construida segundo o plano e desenho do sr. conde, que é um distinctissimo engenheiro, e o seu delgado e airoso perfil ergue-se d'entre renques de palmeiras, sobranceiro ao rio, n'um vivo e harmonioso destaque em meio d'aquelle sadio vicejamento de magníficos *squares* e jardins que fazem moldura a recatadas vivendas, briosas e immunes dentro das suas gradarias de preço.

Attingido o portão de entrada, que um ligeiro tejadilho de crystal resguarda, festoado de trepa-deiras, entramos n'um lindo vestibulo, illuminado de alto, como um *atelier*; á esquerda a escada para o andar nobre; á direita uma rica successão de salas. Logo este vestibulo é bem interessante, pela atrahente profusão de raras e bellas coisas que o adornam, n'uma artistica confusão distribuidas. Vejamos algumas. — Primeiramente, logo á esquerda de quem entra, temos enquadado na escaloira acastanhada da parede um curioso asulejo oval, do seculo xviii, representando a *Sagra Familia*. E' d'uma execução muito perfeita, e a sua transplantação para ali tem uma origem curiosa; pois foi recommendação, feita muito escrupulosamente em

tibulo, á direita, temos uma porta convidativamente aberta deante de nós. Entramos e achamo-nos no salão de visitas da casa. Simplesmente encantador. Vê-se ali o bom gosto de mãos dadas com a opulencia; para onde quer que voltemos deliciosamente os olhos. — E' uma grande sala rectangular, allumiada discretamente pela luz coada através fartas cortinas creme, d'um tecido oriental. O pavimento é encerado e alombrado a trechos por preciosos tapetes, orientaes também. A ellipse central do tecto e as sobreportas são pintadas a oleo por Columbano, o Columbano tão discutido e tão mal apreciado ainda, das primeiras audacias, hoje triumphador definitivo. As paredes são forradas de velhos velludos mongeos, em tons sanguineos, adamascados, havendo entre estes um panno notavel pela sua excepcional raridade e riqueza, antiquissimo artefacto do norte da China, anterior talvez ainda ao seculo xiv, todo tecido a ouro e sedas de cuja polychromia se perdeu o segredo, e pelo systema precursor dos famosos Gobelins.

Logo á direita da porta de entrada, admiramos um sumptuoso espelho e tremó doirado, puro Luis XV, e, negligentemente suspensa ao lado, uma não menos admiravel miniatura, uma pequenina figura de presepio, attribuida a Machado de Castro, e que é uma pura maravilha de anatomia, de expressão e modelado. Também, d'esse mesmo lado, nos impressões um suave retrato de gentilhomen, por certo obra de algum dos insignes pastelistas francezes do seculo xviii, que fixaram escola, mas infelizmente não assignado. Na frente, a um recanto, ha um grande retrato de familia; e logo sob elle, muito affirmativo e claro á frente d'um rico movel joannino, o celebre busto em terra-cotta, de Eça de Queiroz, factura e offerta de Raphael Bordallo Pinheiro, e em que ressurge no mais flagrante e feliz destaque a mascara torturada e expressiva do grande escriptor, com o seu avido perfil adunco e a sua testa arejada de genio.

Depois, para a esquerda, a seguir, entre duas janellas, o fogão, de aba de marmore carregada de *bibels*, á frente um *deran* chinez da epocha dos Mingas. E um appetitoso refugio para conversa, espiritual e intimo, todo fofa de madeiras molles de divans, de carinhosos brilhos de sedas, concertado com amor por uma sensibilidade de *déité*: vendo-se-lhe ao lado uma rica *étagère* envidraçada, supportando uma grande photographia, retrato de el-rei, e contendo



A sala de visitas. — Outro aspecto

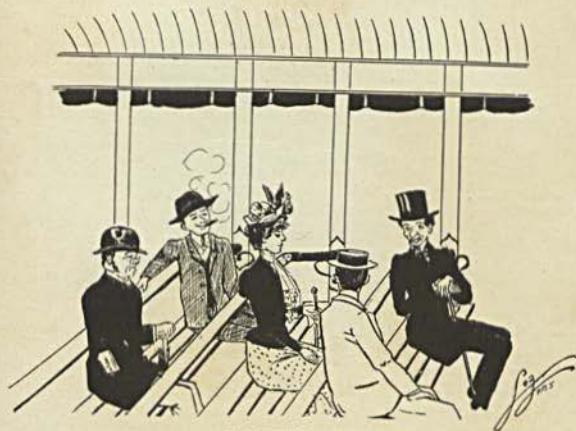
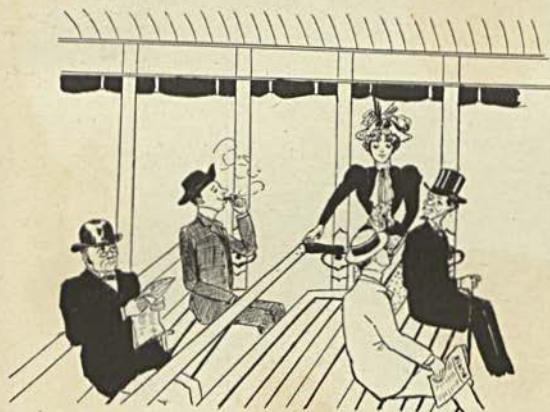
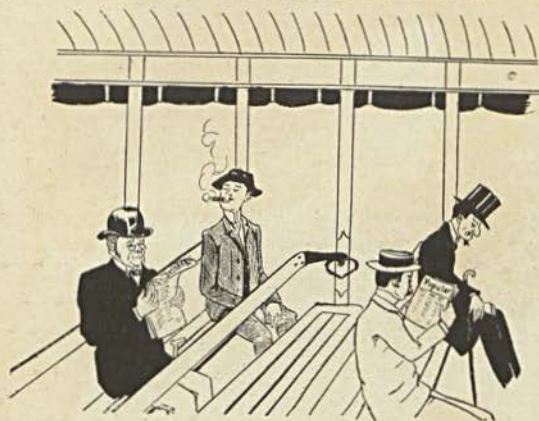
uma infinidade de pequeninas coisas preciosas, como estas, — um sinete e uma finissima miniatura authentica com o busto de Marie Antoinette, trabalho em esmalte, original de Piccardy, enviado de presente ao sr. conde por pessoa de sua familia que reside em França. E n'esta sala teriamos ainda a especialisar um grande panno de arrás, um contador japonês, a vermelho e ouro, o lustre... mas o espaço foge-nos e obriga a passar adiante.

Ladeiam a sala de visitas, tópo a tópo, dois compartimentos mais pequenos: á direita o gabinete de trabalho do sr. conde; á esquerda, a sala habitual dos serões. Do gabinete, só a pormenorizada enumeração de quanta curiosidade elle encerra, daria materia para paginas. E' bem a moldura propria a um culto e elevado espirito. Devem sentir-se bem á vontade as eminentes faculdades evocadoras e phantasistas do sr. conde n'aquella atmosfera suggestiva, n'aquella opulenta aza de sonho, expandindo-se livres ao estimulo de tanta coisa inspiradora e bella. E' um nunca acabar... Primeiro, o caracter severo de toda a quadra, em que predominam os tons escuros, revestida de *boiserie* de preço. De rodada, em guisa de *lambrequin*, ha uma banda corrida de magnificas estantes em carvalho antigo, entalhado, com columnas, refolhando todas em alto relevo, estantes cheias de livros e com o friso superior pejado de curiosidades e obras primas. Apenas a um dos lados ha n'esta linha das estantes uma interrupção, deixando de alto a baixo a parede lisa: é para dar logar a uma verdadeira obra de arte, o grande retrato a pastel, em tamanho natural, da sr.^a condessa de Arnoso, assignado Casanova, e seguramente um dos trabalhos mais perfectos, mais largos e ousados que podem imaginar-se no genero.

A grande secretária pouso no lado opposto do gabinete, arrumada em diagonal, com uma poltrona em madeira, de alto espaldar medievico, hirta e grave contra a parede. Está cheia naturalmente esta secretária de basta quantidade de brochuras, albuns, estampas, um bello candieiro de latão e utensilios de escriptorio, avultando um curioso pequeno bronze, *charge* do Eça, em que a alquebrada figura do eminente escriptor nos apparece n'um exaggero de attitud, sem ter nada de grotesco, e que é obra d'um talentoso esculptor portuguez, de appellido Garcia, que reside em Paris. De Paris veio também em tempo para o sr. conde um bello quadro a oleo, que vemos á direita da secretária, trabalho do pintor portuense sr. Candido da Cunha, pensionado em França a expensas de el rei. Em trabalhos a pastel, temos ainda mais a especialisar aqui os tres admiraveis paineis de Columbano, figurando em busto os filhinhos dos sr.s condes. E ha uns pequenos esbocetos de Silva Porto, que nos fazem saudar; mais algumas faianças curiosas, um rico retabulo de Delft; e uma preciosa aquarella, muito firme e espontanea, de el-rei, bordada sobre um episodio de um dos contos do livro, *De braço dado*, original dos sr.s condes de Arnoso e Sabugosa. Finalmente, sobre a porta de serventia para a sala de visitas, — a porta por onde entráramos, — desafia nos a attenção uma velha bandeira portugueza, saneando em prégas dispostas com arte. — E' um documento historico. Nada menos que a primeira bandeira portugueza que nós conseguimos fluctuasse desfraldada em Taku, e a que os fortes chinsas salvaram, quando foi, em 1887, do tratado celebrado entre Portugal e o Celeste Império, pelo sr. Thomas Ross como embaixador, levando o actual conde de Arnoso por secretario.

Sabimdo por esta porta e voltando a travessar a sala de visitas, entra-se na sala habitual dos serões. Muito confortavel e muito alegre. Prolonga-se, por meio d'uma saliencia oval, pelo jardim. As paredes são forradas de estoffo carmezim, liso, dando vantajoso realce ás innumeras

De bond...



EM S. PAULO — BRASIL

Velho assumpto

Ficam frondosas arvores despidas,
E, como as folhas vão-se-lhes dos ramos,
As illusões que sempre mais amamos
Das nossas almas, vão-se-nos perdidas.

Como as folhas das arvores, as vidas
Passam, e os sonhos passam que sonhamos:
Felizes poucas vezes nos julgamos,
E as horas do Prazer mal são ouvidas...

O Amor, ardente Sol que nos deslumbra,
Pobres de nós!... Em breve desfallece,
Morre, do occaso, em breve, na penumbra!

— Nada que seja eternamente forte!...
Em tudo o Mal... O Bem, raro apparece,
E sempre o negro Fim, e sempre a Morte!



Primavera

Canta, scintilla, exulta a Natureza...
E á luz do Sol Ardente, á luz sadia
Revive o campo, e toda a serra
Faisca e fulge alacremenente accesa!

No coração da flôr como que ha preza
Doce e subtil carícia que extasia
A loura abelha errante... E a symphonia
Da passada irrompe de surpresa.

Sente-se em tudo a nota electrizante
De uma alegria ingenua, cantante,
Consoladora e sã... Felicidade

Que a vida encanta, anima e revigora!...
— Mas, porque a vida em breve se evapora?
— Porque não dura sempre a mocidade?

Rio de Janeiro

PERES JUNIOR.

MODAS

Fig. A

Casaco de inverno

Faz-se em panno de varias côres. O modelo, que temos á vista e que é elegantissimo, é de panno cinzento escuro, meio ajustado atraz e com as frentes direitas bordadas de uma guarnição de pelles.

Galões em *passamanterie* e applicações bordadas enfeitam este lindo casaco. Manga á judia, aberta sobre outra manga justa e gola Agilon em pelles.

Fig. B

Vestido para creança de dois a tres annos

Em panno *beige*. A parte de traz é formada por um largo macho e as frentes crescem no peito formando tambem um macho. As bandas são recortadas com a gravura indica e guarnecidas de vizes de panno branco assim como o cabeção á maruja. Collarinho alto voltado e gravata de seda branca. Manga larga, pregueada em baixo para formar punho e cinto em panno branco todo pespantado.

Com dois metros de panno *beige* e 40 centímetros de panno branco executa-se este vestido.

Fig. C

Elegante vestido para casa

De forma princeza em *crepon* verde-mar este vestido, pela sua simplicidade e bom gosto, tem obtido um verdadeiro successo.

Costas direitas com uma costura ao centro, pequenos quartos aos lados e amplas frentes, uma das quaes cruza no peito e é graciosamente apanhada na cintura por uma fivella.

Um entermeio de *guipure* guarnece o vestido em toda a volta.

Manga pagode, aberra do lado superior deixando ver uma outra manga justa.

Fig. D

Vestido de visitas

Em panno setim cinzento claro, tambem de forma princeza. A saia tem costura na frente e pregas até meia altura do corpo para formar a cintura.

Um bolero de forma redonda e guarnecido de applicações de *guipure*, completa a parte superior do corpo. Bandas e gola de *guipure*. Um entermeio da mesma renda guarnece a saia em toda a volta, subindo um pouco na frente.

Fig. B

Vestido para creança de dois a tres annos



As mulheres aprenderam a chorar para mentirem com mais facilidade.

SYRUS.

Os homens seriam grandes santos se amassem tanto a Deus como amam as mulheres.

S. THOMAS.

Para as mulheres a fealdade tem uma vantagem sobre a belleza: é que é tão difficil ser calumniada uma feia como não o ser uma bonita.

STAHL.

Os homens que mais cumprimentam e adulam as mulheres, são os que menos as estimam.

MEILHAN.

Como o fel faz achar doce o absintho, a vida faz amar a morte.

Tende para os desgraçados, não a piedade, mas o respeito.

Um homem enganamos uma vez e nós desconfiamos d'elle; a nossa razão enganamos constantemente e nós acreditamos sempre n'ella

HONORÉ SCLAVER.

Inverno, velhice do anno,—velhice, inverno da vida.

PIERRE VARIN.



Fig. C

Elegante vestido para casa

Fig. D

Vestido de visitas

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
1º largo d. do nome Barão, 30

Paginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.^{ma}
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castro, Jaime Vaz, Lerô d'Almeida
Editor—Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125
Esd. telegraphica—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL	PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Número avulso 36\$000 Anno 36\$000 Anno 36\$000	Anno 28\$000 6 mezes 15\$000 3 mezes 8\$000 Número avulso 3\$000	Anno 28\$000 6 mezes 15\$000 3 mezes 8\$000 Número avulso 3\$000

SUMMARY

Suave Mi'agre—JAYNE VICTOR.
O conto de 1.ª de Quirós.
O Crysanthemum e o amigo.
Dr. Carlos Tavares—VICTOR RIBEIRO.
Na romaria—COSTA MACEDO.
Tipos das ruas—CELSO HERMIM.
Política internacional—CONSIGLIERI PEDROSO.
O mercado do peixe em Lisboa.
Romance e poesia no Brasil—LEOPOLDO DE FREI-
TAS.

Zefrino Lourenço Martins.
Dr. Augusto Montenegro.
Salões, ateliers, interiores—A casa do Conde de
Arnos—ABEL BOTELHO.
Primeras impressões—GUILHERME GAMA.
De Bond—CARLOS ABREU.
Vello azul—PRIMEIRA—PERES JUNIOR.
MODAS.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Carlos Abreu.
O nosso proximo numero.
Cartas para o «Brasil-Portugal».
O N.º 72 JORNAL—(A quinzena noticiosa).
Cartas da Quinquena.
ANNUNCIOS.

20 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul). Coronel Theodoro Papo de Moraes e José Martins Polio, Rua de Afandega, 4, sobrado.
PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.
PARAÍ—J. B. dos Santos—(Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 50.
MANAOS—Jayme e Camara—Livreria Classica—Rua Guilherme Moreira.
MAYAGUEZ—Leocadio J. da Medeiros & C.
CARABIA—Salles Torres & C.
BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 35.
FLORENÇA—Carlos Pinto & C. (Livreria America).
PORTO ALFONSO—Carlos Pinto & C. (Livreria Americana).
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C. (Livreria Americana).
Rio Americano Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho.
S. GABRIEL DO SUL—Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUI LIMBAKE—Bianquillo Jorge da S. Neves.
BENGUELLA—Mathews & Tavares.
LOUTENÇO MARQUÊS—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenz.
BOL. Na Guiné—Cesar A. Gouveia da Silva Bo-
teiro, thesoureiro geral da Província.

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Lusoz
Francosa—Rua Alfama de Albuquerque.

No Continente

PORTO—Joaquim Caldeira e Brito, Rua Pinto Bessa,
30.
LONDRE—Agente geral em Evora e no Sul Luis
Prata Correia, Rua de Ladeira, 18.
BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA—Gama, Ameral & Com.
COIMBRA—João Ribeiro Azevedo, Av. do Ivo, 12.
SANTO LEO BARDO—Pedro Augusto Passos.
BRANCO—Antonio Augusto galveiro.
BRANCO—Antonio dos Santos Sobrinho.
ALCOBACA—José Narciso da Costa.

PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde
LIRA—Mansel e Silva Dias
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira
VIENNA DO ALTO—J. B. Domingues.
CORUÇA—José Pereira Cabral
TAVIRA—José Maria dos Santos.
FARO—Maya e Trigueiro.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o
Brasil—o sr. Carlos Abreu em S. PAULO.
Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zefrino Lourenço Martins (vice-consul de
Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Ja-
guira, n.º 11), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8),
em AMPARO.
A. Vianina Pinto de Sousa (vice-consul de
Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.

CARLOS ABREU

Mais uma vez honra hoje as paginas do *Brasil-Portugal* o sr. Carlos Abreu com o primeiro
de uma serie de desenhos primorosos, expressa-
mente feitos para a nossa Revista. Em numero
sucessivos daremos outros quadros, de valor ar-
tístico, em que a firmeza do traço se alia a crí-
tica e a observação fina. Todos esses croquis são
assignados com o pseudonymo de Los. O que
neste numero inserimos tem por epigraphe isto
De Bond.

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

Serviços do Estado

Completando a obra a que pelas autorizações
parlamentares esteve procedendo neste inter-
regno parlamentar que finda a' anã, o governo
publicou varios decretos reorganizando todos es-
tes serviços:

Pelo Ministerio da Fazenda: repartição de fa-
zenda e recebedorias; criação da inspecção ge-
raes do thesouro e dos impostos; extinção do
comando da guarda fiscal e da 2.ª repartição
de administração geral das alfândegas.

Pelo Ministerio dos Estrangeiros: organização
da secretaria.

Pelo Ministerio das Obras Publicas: organiza-
ção do ensino elemenar industrial e com mercial
e regularização dos concursos para professores;
reforço da dos serviços agrícolas; modificação dos
conselhos districtaes de agricultura e do Merca-
do Central; organização dos serviços da secreta-
ria de Obras Publicas.

Pelo Ministerio do Reino: reforma da Universi-
dade e das Bibliothecas e Archivos Publicos.

Pelo Ministerio da Guerra: Nova divisão das
forças militares, pelo paiz.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

No n.º 72 do Brasil-Portugal dare-
mos gravuras e artigos interessantissí-
mos.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A Empresa encarrega-se de fornecer aos srs.
assignantes do *Brasil-Portugal* capas e-
legantes e simples, para encadernação do 1.º e
2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada
capa; e sendo a encadernação por conta da em-
presa, 18200 réis cada volume.

No Brasil custa cada capa 58000 réis.
Os pedidos podem ser dirigidos a esta admi-
nistração, Rua de S. Roque, 125, ou ás agencias
do *Brasil-Portugal*.

Bom conselho

—Como tu estás abatido, rapaz!
—Que queres? Loucuras... excessos... o
diabo!...
—Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo,
com boas cores. E eras tão fraco!
—Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma
o *Chocolate Brasil*, que se fabrica no
Moimão do Ouro, no Largo de S. Francisco
do Rio de Janeiro.

Reforma do Lazareto

O decreto que o governo acaba de publicar
regulamentando os serviços de saúde e hygiene,
abrange como devia o do Lazareto, satisfazendo
assim ás justas aspirações dos passageiros pro-
cedentes do Brasil.

Os exageros nas quarentenas terminaram por
completo. Na margem direita do Tejo estabele-
ce-se ha um posto marítimo de desinfecção,
como haviamos annuciado. Só haverá quarente-
na de rigor para os navios inficionados que te-
nham tido caso suspeito a bordo nos sete ultí-
mos dias de viagem. A esses, applica-se o desem-
barque immediato com o maior requadro e se-
questração dos atacados na enfermaria isolada
do Lazareto, quarentena de rigor de sete dias
nos passageiros com desinfeção pessoal e de
toda a bagagem. O navio será também desinfe-
cado, assim como todos os objectos sem valor
ou de impossivel desinfeção. A tripulação exige-
se a quarentena igual ás dos passageiros.

Ha ainda navios suspeitos e esses são consi-
derados como tal em dois casos:
1.º Estendo em boas condições hygienicas,

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal
AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.
 Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

Para depois annunciá-la um acto em verso, de Julio Dantas, intitulado *Os cardeais*, e no qual entram Brásão e os dois Russas.

Trindade. — A primeira peça a ensaiar agora, para se representar quando a revista *Arte Nova* o permitir, é a nova tradução da zarzuela *Amor sem conhecer*, musica de Barbieri:

D. Alvaro	Almeida Cruz
Fabricio	Augusto
Bartholo	Queiroz
O Marquez de Olmedo	Salveteira
O duque	Firmino
Um estalajadeiro	Fernandes
Um official	Santos
Laura	Delphina Victor
A duquesa	Amélia Barros
Joanna	Estephania

Gymnasio. — Em ensaios a comédia de Brissom, em 3 actos. *Le bon juge*, traduzida por Accacio Antunes com o titulo de *Juíz d'uma canna*. A distribuição é esta:

Leplantos	Seller
Bluteau	Cardoso
Duval	Telmo
Lajunette	Annibal Pinheiro
Robin	Sarmento
Theo-loro	Antonio de Sousa
Emilio	Alves
1.ª guarda	Pereira
2.ª guarda	Almeida
Um commissario de policia	Salles
1.º genlarme	Pereira
2.º genlarme	Almeida
Madama Pigeon	Sophia Santos
Lucia de Perpignan	Josepha de Oliveira
Laura	Adelaide Coutinho

Avenida. — E' esperada com ansiedade a primeira representão do *Tiço Negro*. O no-

me do sympathico maestro que fez a musica, Augusto Machado, e os successos comprovados da obra theatral, já longa de Lopes de Mendonça, explicam essa curiosidade, que redobre, sabendo-se que o libretista foi buscar aos motivos de Gil Vicente assumpto para a sua opereta e que Palmyra Bastos, incontestavelmente uma estrella brilhantissima hoje do nosso theatro, faz a protagonista, uma gentil e endiabrada Paideirinha do seculo XVI.

Rua dos Condes. — Teve um grande exito a revista do anno de Alfredo de Mesquita e Camara Lima, do que no proximo numero o chronista theatral fará menção.

Na ponta da unha continua e continuará no cartaz emquanto houver unhas que não tenham logrado apanhado um bilhete para a ir applaudir.

Principe Real. — Depois da peça *O Affenim*, original de Lopes de Mendonça, que sobe á scena na festa de Luiz Ruas, entra em ensaios outro original portuguez *A Petiza*, de Maximiliano de Azevedo, assim distribuida:

João	Setta da Silva
D. Eugenio Travassos	Verdial
José, por alcunha o Pouca Sorte	Amelia Pereira
Augusto de Mello	Ramalhete
Cazuza, moleque	Soares
Pepe Iglesias, cigano	Torres
Joachim, saloio	Machado
Um passeante da feira	Ferreira
O dono de uma baracca de comes-e-bebes	Barros
Um cabo de policia	Pitta
Um operario	Costa
A Petiza, artista de um theatro	Adelina Ruas
Luiza Travassos	Carlota Fonseca
Eugenia Travassos	Julia

Francisca, mulher de João	Maria das Dôres
Josepha, creada	Eliza Santos
Concha	Ritta
Mademoiselle Juliette, nia de Eugenia	Rosa

Colyseu dos Recreios. — Vae reunir breve outra vez na sua companhia os artistas que tem trabalhado no Real Colyseu, e prepara para o Carnaval feiras de estroendo, a que não faltam nem jorros de agua, nem fontes luminosas, nem partidas carnavaleiras. E isto emquanto não prepara para logo depois do entrudo uma companhia de variedades, onde haverá uma surpresa inteiramente nova.

CANDIEIROS

Em todos os generos

Canalizações para agua e gas

Tubos de chumbo, borrachã, lona, latão, ferro Louça de ferro esmalçado Retretes de varios systemes Objectos proprios para brinde

Casa José d'Oliveira

24, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA



Bilhares de precisão

COM A CEBELRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Peças, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade—Cartas.

Teatos e Fizes para todos os jogos

Vista de José Alexandre de Sousa

49—Rua Nova do Almada—26

CASA PINDADA EM 1824

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

CASA ANCORA

MESQUITA & MACHADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento e variedade de artigos. O primeiro ponto de reunião de Mandós

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ

E RUA MARECHAL DEODORO

MANAOS



LA UNION Y EL PERU ESPAÑOL

Capital actual 2.400.000.000 Rs.

12.600.000.000 REIS

De dividendos pagos desde 1884 até 1903

PREMIOS E RESERVAS 2.500.000.000

Agencia central (Londres), agencias de que se falam

Signature Attestique & Union Maritime

Companhias Maritimas contra os riscos maritimos e a piazas de transporte de qualquer natureza

Londres—Rua de S. Paulo, 11

BRASIL—Rua do Ouvidor, 20, 22

WEAVER
ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

HOTEL DURAND

English Hotel—Lisboa

7, Rua das Flores—Largo do Quilote

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todas as confortos de uma casa de primeira classe.

CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA

SUAS Magestades e Altezas

CONSULTORIO

11, do Arsenal, 100, 1.ª

LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Métodos directores: J. Mauperrin Santos

Métodos indirectos: J. Nogueira Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas salas de duches para homens e senhores; inteiramente a parades e independentes; gabinete unico de electricidade e massagem; massagem e gymnastica medica, dirigida por C. de Sousa. Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Morta dos 8 h às 12 h manhã e das 3 h às 5 h tarde

ENTRADA: CALÇADA DO DUQUE, 20 CALÇADA DA GLORIA, 12 Lisboa

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

80075 (Rua de St.º Antonio

(Rua 24 da Bandeira, 89

Estabelecimento dentro do mesmo prédio.

Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneres do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis.

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Médico dos Hospitais Cíveis

Ensina-se nesta Escola instrução primaria, instrução secundaria, período transitório e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especiaes e por professores especiaes, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

CURSO COMMERCIAL

1.º Anno

Portuguez
Françes
Inglez
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
e al
Calligraphia
Pratica de escriptorio

2.º Anno

Portuguez
Françes
Inglez
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
e al
Geographia geral
Calligraphia
Pratica de escriptorio

3.º Anno

Françes
Inglez
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
e al
Historia patria
Geographia commercial
Physica e chimica elemental
Historia natural elemental
Calligraphia
Pratica de escriptorio

4.º Anno

Françes | Exercícios de redacção
Inglez | e de conversação
Allemão |
Contabilidade geral e escriptura
comercial
Materias primas e especies commerciaes
Elementos de economia politica
e legislação commercial
e aduaneira
Pratica de operações commerciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrução primaria, e nos quatro annos há, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

Aos alumnos que concluirem este curso, ser-lhes-ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica», 15 de Julho de 1901.

O DIRECTOR — Mauperrin Santos.



Ultimas Novidades de Paris,
Londres e Berlim

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^s de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma senhora franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 79

Modas e confecções



JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA
DA EXPOSIÇÃO DO 4.º CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro. 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34

[Casa matriz—RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
(de qualquer qualidade

COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação

de couros, e de
todos os artigos
para

selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial—S. PAULO

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA



(Vista da Fábrica)

A melhor cerveja conhecida no Brasil

Lager — Pilsener — München — Stout (preta)

Agentes geraes — **Zerrenner Bülow & C.^a** — Rua de S. Bento, 81 — S. PAULO

Fábrica em Agua Branca

Escritorio — Rua Formosa, 1



Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRACAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINGAL

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa



JOALHERIA, BIJOUTERIA, OURIVESARIA

REIS & FILHOS

O maior e melhor sortimento em

ARTE NOVA**Relojoaria****Objectos de Arte
Pratas**

Rua de Santo Antonio, 239

PORTO**PINTO ALVES & C.^A**

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES**Caixa postal 44**

Endereço telegraphico

PINTALVES**GRANDE HOTEL METROPOLE**

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.